Espaço em Revista | 2011

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

UMA "ODISSÉIA" NO MUNICÍPIO DE CRISTALINA/GO: relato de experiência sobre as práticas agroecológicas no Assentamento Vale do São Marcos

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves[1]
ricardoassisgeo@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça[2]
ufgmendonca@gmail.com

Resumo: Através deste texto, relatamos nossas experiências em um trabalho de campo realizado nos municípios de Cristalina/GO e Luziânia/GO. O trabalho de campo teve como objetivo conhecer as ações desenvolvidas pela Rede Terra e as práticas agroecológicas das famílias camponesas em Comunidades e Assentamentos de trabalhadores sem-terra. Neste relato de experiência, diante da abrangência das atividades desenvolvidos em dois dias de pesquisa de campo, priorizamos a visita ao Assentamento Vale do São Marcos no município de Cristalina/GO.
Palavras-Chave: Agricultura Camponesa. Práticas agroecológicas. Assentamento Vale do São Marcos.

The "ODYSSEY" IN THE CITY OF CRISTALINA / GO: experience report on farming practices in the São Marcos Valley Settlement

Abstract: Through this text, we tell our experiences in a work of field carried through in the cities of Cristalina/GO and Luziânia/GO. The field work had as objective to know the actions developed by the Earth Net and the farming practices of rural families in communities and settlements of landless workers. In this experience report, given the scope of activities carried out in two days of field research, we prioritize the visit to the Valley of the settlement in the municipality of São Marcos Cristaline/GO.
Key-words: Agriculture Peasant. Farming practices. Settlement of São Marcos Valley.

Introdução

Este texto é um relato de experiência que busca expressar as impressões fenomênicas, problematizações e conhecimentos experienciados e compartilhados em um trabalho de campo realizado nos municípios de Cristalina/GO e Luziânia/GO. O trabalho de campo aconteceu no contexto das atividades desenvolvidas pelo projeto; **A sistematização de metodologias de pesquisa para extensão rural no Brasil**, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. Membro do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM.
[2] Professor/Orientador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão. Líder do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM.

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

Tecnológico - CNPq, desenvolvido por alunos e professores da Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão, através do Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM), coordenado pelo Prof. Dr. Marcelo Rodrigues Mendonça.

A escolha dos municípios de Cristalina/GO e Luziânia/GO para a efetivação do trabalho de campo partiu do interesse em conhecer as experiências que aliam práticas agroecológicas, produção de alimentos para o auto-consumo e geração de renda através da comercialização dos alimentos produzidos pelas famílias camponesas. Isso vem ocorrendo nos respectivos municípios através das ações e projetos do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Apoio à Agricultura Familiar - Rede Terra, fortalecendo as possibilidades de permanência na terra com mais qualidade e gerando renda para dezenas de famílias camponesas em Comunidades e Assentamentos.

No trabalho de campo, visitamos Comunidades Camponesas e Assentamentos, passamos por Acampamentos de trabalhadores sem-terra e conhecemos as instalações da Rede Terra em Cristalina-GO. Verificamos a valorização dos saberes e conhecimentos camponeses, na lida com a terra, água, sementes, plantas etc., tendo em vista a diversidade cultural e natural nas áreas do Cerrado brasileiro. Assim, no primeiro dia de campo (04-03-2011), conhecemos as instalações da Rede Terra em Cristalina/GO, na parte da manhã e durante a tarde visitamos o Assentamento Vale do São Marcos, também no município. No segundo dia de campo (05-03-2011), conhecemos as práticas agroecológicas e conversamos com diversos camponeses na Comunidade Camponesa Indaiá II, no município de Luziânia/GO.

As ações dos movimentos sociais e a problematização dos efeitos sócio-ambientais (pressupõe processos que podem permanecer por décadas) resultantes do modelo capitalista e da (re)produção destrutiva do capital através da territorialização do *agrohidronegócio* (empresas rurais, agroindústrias, hidrelétricas etc.) nas áreas do Cerrado brasileiro nas últimas décadas faz parte das pesquisas e projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa Geografia Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM), na Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão (UFG/CAC). Como afirma Mendonça (2007, p. 20),

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

> A capacidade metamorfoseante do capital, territorializada no agronegócio, precisamente nas áreas de Cerrado, nas últimas décadas, expressa a necessidade de indagar acerca da natureza desta produtividade e, mais, questionar sobre os impactos sociais e ambientais decorrentes dessa forma de uso e exploração da terra, da água e dos homens.

Diante do processo de *modernização conservadora da agricultura*[3] nas áreas do Cerrado brasileiro, milhares de famílias tem sido expropriadas do campo, migrando para as periferias urbanas ou se deslocando para as áreas de fronteiras, ora se restabelecendo nas bordas das chapadas e nos vales, em áreas enrugadas do relevo. Isso tem transformado as relações de produção e trabalho no campo, os *saberes-fazeres*, construídos historicamente pelos *Povos Cerradeiros*[4], alvos da expropriação, complexificação e precarização do trabalho, diante dos (re)arranjos do capital. Além disso, as flores, as cores, os odores, os saberes e os sabores do Cerrado brasileiro (MESQUITA, 2009), vem sendo envenenados, metamorfoseados ou extintos por esse modelo que, fortalecido pelo Estado, insiste em sua expansão destrutiva.

Para Mendonça (2010) é necessário assegurar formas de manejar os recursos naturais que permitem a reprodução do homem e da natureza (que são um todo) conservando a biodiversidade ecológica e sócio-cultural. Sobre a agroecologia e seu significado, Mendonça (2010, p. 16) assegura que,

> A agroecologia é uma forma de entender e atuar para *campesinar* a agricultura, a pecuária, o florestamento e o agroextrativismo, a partir de uma consciência intergeneracional. Isso significa resgatar a relação simbiótica, com o meio sem agredir a natureza, compreendendo homem e natureza como *natureza una*. Isso

[3] Conforme Thomaz Júnior (2009), com o atributo de conservadora, entende-se a modernização como algo capaz de conservar inalterado o espectro de desigualdades, sobretudo a concentração fundiária, não se associando sequer aos princípios das políticas compensatórias distributivistas, como também, extremamente seletiva, tendo em vista que a apropriação não é realizada por todos, mas apenas por uma minoria.

[4] Segundo Mendonça (2007, p. 27), "Compreende-se esses povos (indígenas, quilombolas, camponeses, trabalhadores da terra propriamente tradicionais, etc.) como aqueles que historicamente viveram e vivem nas áreas de Cerrado, constituindo formas de uso e exploração da terra a partir das diferenciações naturais-sociais de produção e de trabalho muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas expressões culturais. Entretanto, o que os diferencia além da perspectiva de se manterem na terra, constituindo modos de ser e de viver é a ação política na defesa da terra de trabalho e da reforma agrária a partir de diversos elementos, dentre eles a cultura como determinante de ações políticas de cariz revolucionária".

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

> significa outros usos da terra, muitos existentes há séculos e, certamente, mais compatíveis com as condições edafoclimáticas e sócio-históricas e geográficas do Bioma Cerrado.

Através de estudos desenvolvidos por alunos dos cursos de graduação e pós-graduação (mestrado) em Geografia da UFG/CAC, membros do GETeM, diversas pesquisas tem mostrado as contradições do capital no Estado de Goiás e no Sudeste Goiano de forma particular, através do *agrohidronegócio*. Além disso, professores e alunos tem desenvolvido projetos com o objetivo de problematizar os efeitos do *agrohidronegócio*, propondo alternativas agroecológicas para as famílias camponesas, valorizando a cultura, as racionalidades e os saberes camponeses no modo de lidar com a terra, com a água, sementes etc., com o intuito de garantir uma vida com maior dignidade e qualidade no campo, diante dos desdobramentos espaciais da reestruturação produtiva do capital nas áreas de Cerrado[5].

Materializando os objetivos propostos pelo Projeto, através deste relato de experiência apresentamos alguns dos resultados da pesquisa de campo realizada no mês de março (2011) no município de Cristalina e Luziânia, ambos no Estado de Goiás e localizados no Entorno de Brasília[6]. A pesquisa de campo realizada nos respectivos municípios teve como centralidade, conhecer a Rede Terra, suas ações e identificar as diferentes experiências com práticas agroecológias em áreas de Assentamentos e Comunidades Camponesas. A partir disso, buscamos reafirmar a partir da agricultura camponesa as práticas já bem sucedidas e ao mesmo tempo, dar visibilidade a elas.

[5] Um exemplo das atividades desenvolvidas pelo GETeM foi o projeto denominado; **Cidadania, Trabalho e Juventude no Campo: formação, qualificação e geração de renda a partir da agroecologia**, financiado pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, conforme Edital MCT/CNPq Nº 23/2008 – Programa Intervivência Universitária. A proposta iniciada visou garantir aos jovens que estão no campo capacitação e orientação, a partir de suas realidades, com o intuito de potencializar formação/condição de se tornarem agentes de *desenvolvimento* nas Comunidades Camponesas, garantindo renda e inclusão social a partir da implementação de práticas agroecológicas. A finalidade foi compreender as relações sociais de produção e de trabalho, acompanhar e incentivar a organização social e o associativismo, estimular as atividades agroecológicas e a instalação de Bancos de Sementes e formas de utilização dos recursos naturais sustentáveis, bem como, noções de ecologia e informações sobre legislação ambiental, dentre outras. O projeto iniciou-se em julho de 2009 e finalizou em Janeiro de 2011. As atividades foram realizadas em módulos semestrais na Universidade Federal de Goiás/Campus Catalão através de oficinas, palestras e acompanhamento nas Comunidades Rurais, atendendo 60 jovens através de oficinas e dias de campo. (MENDONÇA, 2010).

[6] O Entorno de Brasília é constituído pelos municípios de: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás, Vila Boa, Vila Propício.

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

Neste relato de experiência, diante da abrangência das atividades desenvolvidos em dois dias de pesquisa de campo, priorizamos a visita ao Assentamento Vale do São Marcos (município de Cristalina/GO), onde conhecemos com maior profundidade as práticas agroecológicas de um dos assentados entrevistados. Em seu lote, o trabalho na terra é permeado por *saberes-fazeres* do *ser camponês*, caracterizado pela forma como concebe e lida com a terra, a água, os animais, sementes e plantas, que mostram a diversidade da agricultura camponesa.

No Assentamento Vale do São Marcos (município de Cristalina/GO), o objetivo foi verificar os diferentes usos da terra e as experiências agroecológicas através do Produção Agroecológica Integrada e Sustentável - PAIS, a partir da parceria entre as famílias assentadas com a Rede Terra.

O uso de equipamento fotográfico, filmadora, gravador de voz e o diário de campo foram imprescindíveis. Em determinados momentos, ouvindo o canto dos canarinhos saltitando de galho em galho nas árvores que faziam sombra onde conversávamos, das seriemas no campo, do galo no pomar, observando a algazarra dos pássaros, as brincadeiras do grupo de amigos no campo de futebol, diante do olhares curiosos dos que passavam por nós, através do diário de campo registramos as percepções fenomênicas diante do movimento da vida que nos cercava.

No decorrer das entrevistas, tivemos momentos de pausas para contar histórias, sorrir, se emocionar e poetizar. No percurso, conversamos com homens e mulheres, crianças e *velhos*, fazendo da pesquisa de campo um momento de tabulação de informações e dados, mas também de aprendizado, inserção em realidades em que as relações e sociabilidades ainda são permeadas pela solidariedade, amizade, companheirismo, traquinagens, dos saberes que mesmo sendo metamorfoseados pela (re)produção destrutiva do capital no campo e na cidade, expressam o movimento da vida em sua diversidade.

Uma “odisséia” no município de Cristalino/GO: práticas agroecológicas no Assentamento Vale do São Marcos

O Assentamento Vale do São Marcos localiza-se no município de Cristalina/GO, criado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a 11 anos, e integra 70 famílias distribuídas em 70 lotes. Com a intenção de conhecer o Assentamento e acompanhados por um técnico da Rede Terra,

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

deixamos a cidade de Cristalina/GO, percorremos por aproximadamente 30 km pela Br-040 até que a "aventura" se iniciou. Debaixo de chuva, entramos a esquerda por *estrada de terra*, atravessamos pontes, mata-burros, poços de lama e água acumulada, entre serras, vales e áreas de chapadas onde o verde é apenas das lavouras de soja, continuamos nossa "odisséia", uma *viagem,* quase uma "alucinagem" pelo município de Cristalina/GO. As rajadas de chuva, a lama nas estradas, fazendo o carro "dançar" ou quase atolar no meio de paisagens desconhecidas por nós, pareciam as fortes ondas do mar bravio que lançavam o barco de Odisseu[7] e seus tripulantes para outros rumos, sobre a fúria de Poseidon[8]. Mas, diferente das aventuras e desventuras de Odisseu, atormentado pelos deuses em seu regresso para casa, esses pareciam estar do nosso lado, tudo correu bem até chegarmos ao destino almejado, o lote de uma das famílias assentadas no Assentamento Vale do Rio São Marcos.

No percurso até chegar ao Assentamento Vale do São Marcos, mais do que a velocidade do carro que nos levava, meus pensamentos vagavam diante da curiosidade em conhecer esse Assentamento e as famílias que constroem suas tramas cotidianas, através do trabalho na terra.

Sem entendermos bem o que significava, chegamos ainda com muita chuva, em "*Aqui que é aqui*". Esse é o nome do lote da família que íamos conhecer, onde vive um casal de assentados. O nosso entrevistado; nordestino do interior da Paraíba, poeta, contador de histórias e piadas, já trabalhou em circo, foi assalariado, disse que cansado de ver tanta discriminação na cidade e de ser empregado dos outros, hoje vive do trabalho na terra. Conforme suas próprias palavras "*na cidade eu vivia a vida de pau, via tanta discriminação nas cidades por onde eu passava, que aquilo fazia eu fugir da cidade. Vou pra roça porque lá eu sei viver, tenho coragem de trabalhar, sei plantar e sei colher*". Como milhares de homens e mulheres pelo Brasil a fora, sem terra e sem trabalho, alimentados pelo sonho da *terra de trabalho*, entrou na luta por ela, conquistou um lote no Assentamento Vale do Rio São Marcos e a 11 anos está no campo, vivendo do que a terra produz.

[7] Héroi grego e um dos personagens dos poemas épicos, Íliada e Odisséia, de Homero. Na Odisséia, é narrado de forma poético o regresso de Odisseu para o seu reino, Ítaca, uma das numerosas ilhas gregas e onde sua fiel esposa o esperava. No poema (Odisséia), nos divertimos com as aventuras e desventuras de Odisseu em sua viagem para casa, conheceu diversas ilhas, enfrentou a ira dos deuses, até que chegou a seu destino, após 10 anos de viagem de regresso.

[8] Na mitologia grega, Poseidon é considerado o Deus supremo do mar.

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

Para esse sujeito a luta pela terra garantiu a conquista de um novo território. Conforme nosso entrevistado, a luta valeu a pena. No início enfrentou obstáculos, morou em barraco de lona, não tinha o que plantar, mas com os recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF e através do trabalho, segundo suas próprias palavras "*eu já fiz bom proveito com a terra, plantei, to colhendo, hoje tenho onde morar com dignidade. Antes eu morei aqui debaixo de uma lona, queimava as costas quando estava quente. Hoje deus me ajudou e eu consegui fazer uma casa*".

O trabalho na terra também tem espaço para o devaneio poético. A trajetória de luta, des-re-territorialização, conquista da *terra de trabalho*, as transformações no Assentamento, ou seja, os processos em curso vivenciados por esse sujeito, foram expressados por ele através da poesia História do Assentamento, de sua própria autoria.

> Está fazendo onze anos que essa festa começou.
> Isso aqui era recanto de animais corredor,
> os homens se aproximaram e os animais se afastou.
> Lembro daqui quando chegou, aqui dentro num caminhão,
> uma Mercedes cara chata com uma bagagem do cão,
> o chefe era Genaro, Zé Rodrigues e o Falcão.
> Hoje aqui planta feijão, planta abóbora e melancia,
> um dia eu vou criar porco outro dia vou criar gia,
> e eu planto feijão de corda pra alimentar a família.
> Coisas que eu não conhecia, o INCRA, UNB, prefeitura, Sindicato,
> pra mim é o maior prazer, fizemos deste deserto uma área de lazer.
> Coisas que eu queria ver, não sei se passo no teste,
> vejo as crianças crescer acompanhando o progresso.
> Não posso dar um repente, mas posso dar em verso.
> Sou um filho do nordeste, a seca jogou-me fora,
> sou contador de história,
> mas está faltando um parceiro pra me ajudar na memória.

Enquanto "a realidade do homem moderno é recheada de solidão, individualismo e de uma lógica mercantil-consumista que sufoca cada vez mais o seu lado poético, a sua imaginação criadora" (HAESBAERT, 2006, p. 155), encontramos entre as sociabilidades e territorialidades camponesas, a relação entre poesia e vida, luta e trabalho, traquinagens, sensibilidade e imaginação. A poesia de desse sujeito é carregada de possibilidades interpretativas, mas estas "não podem privar-se da referência ao real, seu significado não pode ser nem totalmente

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

fechado, lógico, nem totalmente aberto, sem referência a uma realidade concreta" (HAESBAERT, 2006, p. 148-149). Essa realidade na poesia do sujeito que entrevistamos é representada através da leitura das lutas, das transformações, relação com a terra, os saberes, trabalho, memória, identidade e a trajetória vivida por milhares de nordestinos que deixaram seus territórios e se reterritorializaram pelo Brasil a fora, como afirma em seus versos "*sou um filho do nordeste*". Como a literatura, através do critério estético, a poesia nos ajuda desvendar o movimenta da vida, encontros, desencontros, os conflitos e travessias, o trabalho e as lutas.

A relação com a terra, a preocupação com a natureza, os fazeres, o uso de *sementes crioulas*, o trabalho familiar, revelam características próprias do ser camponês. Mas é preciso esclarecer que esse conceito é dinâmico, inserido no movimento do real e por isso em transformação. Diante da expansão do agronegócio, tem sido cada vez mais difícil produzir alimentos saudáveis. No Assentamento Vale do São Marcos, afirmam, "*nós fazemos o possível, mas ainda não é 100% limpo. Os meninos da Rede Terra tem ajudado muito, mas acho que pra eles tá sendo difícil ainda, porque tem esses avião aí da lavoura grande dos fazendeiros, que acaba com nóis aqui. Essa semana o avião bateu veneno aqui 3 dias seguidos. Passa aqui encima da casa e quando ele fecha lá o negócio, o avião ainda passa garoando veneno aqui. Como é que isso aqui é limpo, não pode ser mais limpo porque a gente é vizinho da lavoura dos ricos. Isso vem acontecendo no inverno todinho. Esse ano o avião já passou aqui umas 10 vezes. Ele percorre a metade do Assentamento fazendo manobra, então eu sou atingido com minhas plantas*".

Enquanto isso, o agronegócio continua expropriando camponeses, explorando o trabalho, cometendo crimes ambientais, (como observamos, abelhas mortas e envenenadas por agrotóxicos usados nas lavouras de soja próximas ao Assentamento Vale do São Marcos) e descumprindo as leis ambientais e trabalhistas. Estereótipos são construídos na tentativa de implantar uma "confusão dos espíritos" (SANTOS, 2001) para mascarar essa realidade, e procurando anular a importância dos camponeses como sujeitos sócio-econômicos e políticos, que evidenciam formas de uso da terra antagônicas ao latifúndio e as empresas rurais modernas. De acordo com Mendonça (2007, p. 19),

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

> Os estereótipos construídos, financiados com belíssimas propagandas, daqueles que não compartilham desse modelo de produção no campo, os camponeses, populações tradicionais, que tidos como obstáculos, devem ser removidos para dar passagem ao moderno, identificado com a capacidade de implementar as inovações técnicas e tecnológicas no processo produtivo, desconsiderando os prejuízos sociais e os crimes ambientais cometidos.

Diferente da lógica produtivista e destrutiva do agronegócio e na tentativa de priorizar o uso da terra levando em consideração a conservação do meio ambiente, a preocupação com a natureza, valorizando a terra como fonte de vida, a produção para o auto-consumo, venda do excedente e autonomia, são questões expressadas pelos entrevistados. Poetizando sua vida cotidiana, a relação com a natureza e o trabalho na terra, o assentado do lote "Aqui que é aqui" nos disse; "*Eu gosto de plantar, me sinto feliz quando estou plantando uma muda e digo; essa daqui amanhã eu tenho resultado. Eu tenho um rio muito bonito no fundo do lote, eu nunca peguei uma piaba nele, porque eu acho que a piaba estando vivendo lá no rio está melhor do que na minha casa. Lá no rio ela está vivendo, vai produzir e então ela produz lá e eu produzo aqui. Aqui eu planto, eu vivo da roça, aqui dá pra eu comer, dá pra eu viver a minha vida. Agora aqui pra mim é tudo na minha vida. A terra pra mim é a vida, porque só de estar trabalhando com a natureza, só de estar plantando, tá colhendo. Tudo que vocês estão vendo aqui foi eu que plantei e hoje eu estou colhendo, isso é um prazer".*

O uso da terra por esse sujeito em "Aqui que é aqui", diverso das paisagens homogêneas das lavouras de sojas que observamos nas áreas de chapadas a caminho do Assentamento, apresenta uma diversidade de plantas, todas cultivadas através de práticas agroecológicas e com o apoio da Rede Terra. (Fotos 1 e 2).

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183



Foto 1: Mudas de café fornecidas pela Rede Terra e plantação de mandioca, resultado do próprio trabalho camponês, ao fundo cerca viva, também utilizada como barra vento.
Fonte: Pesquisa de Campo
Autor: FERNANDES GONÇALVES, R, J de A., 2011.



Foto 2: Plantação de bananeira, baseada no modelo de agrofloresta. Ao meio das linhas das bananeiras foi feito o plantio de mamoneira, goiaba e feijão.
Fonte: Pesquisa de Campo
Autor: FERNANDES GONÇALVES, R, J de A., 2011.

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

Com o lote no Assentamento Vale do São Marcos, os assentados garantem a produção para o auto-consumo e vendem o que excede por meio da parceria com a Rede Terra, gerando renda e uma vida com mais dignidade e qualidade na terra. Um dos camponeses afirma que tem autonomia, não *trabalha pros outros*, o trabalho é familiar e tudo manual, plantio, capina, colheita e também o leite, que aproveita para fazer um queijo diário, destinado ao *próprio gasto*. Através da Rede Terra, diz que muita coisa melhorou no Assentamento Vale do São Marcos, por meio do PAIS, como as fossas sépticas implantas em todos os lotes, fornecimento de mudas e geração de renda para as famílias, fortalecendo as possibilidades de permanência na terra.

Conforme as informações fornecidas por esse camponês *"na época que a Rede Terra se aproximou de nóis isso aqui era muito difícil e ela deu um grande apoio. O primeiro passo foi trazer a fossa séptica, que agora toda casa tem, são 70 fossas implantadas. Em seguida foi trazido 10 quites de horta do PAIS e depois a Rede Terra trouxe mais 15, completou 25 quites pra serem plantados em nosso Assentamento. Então ela ajuda com esterco, eles fazem um frete mais barato ou em troca até de produto se você não tem dinheiro. Eles são de amizade. Então eu sou feliz com o trabalho da Rede Terra. Eles me deram muita planta, muita muda. Essa bananeira que eu tenho aqui foi tudo muda da Rede Terra. Aquela cerca viva que está na frente do lote também veio da Rede terra. Eles me trouxeram essas mudas e mais ainda, eu estou feliz".*

A forma como lida com a terra, baseado em práticas agroecológicas, (uso da fossa séptica, agrofloresta, cisterna de ferrocimento, construção do PAIS etc.), a preocupação em não usar agrotóxicos, os saberes e a relação com a natureza, demonstra a importância em priorizar um modelo agrícola baseado na agroecologia e na diversificação da produção, considerando o equilíbrio dos ecossistemas. Como defende Thomaz Júnior (2007, p. 20), "As experiências de agricultura camponesa, a partir da diversidade dos ecossistemas, permitem o igualmente uso de múltiplas tecnologias e conhecimentos tradicionais de produção agroflorestais, agropastoris, integrados, e outros".

Além do PAIS, as famílias do Assentamento Vale São Marcos se dedicam a plantação de pimentas, gerando uma produção que chega a aproximadamente 5000 quilos por mês, na época da colheita. Em outro lote do Assentamento,

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

verificamos o cultivo de hortaliça por meio do PAIS e ainda o plantio de pimenta, expressando a diversidade através da agricultura camponesa. (Foto 5).



Foto 3: Pés de pimenta (primeiro plano a direita) e quiabos circulando a horta do PAIS ao centro, além de milho e bananeira ao fundo.
Fonte: Pesquisa de Campo Fev/2011.
Autor: FERNANDES GONÇALVES, R, J de A., 2011.

A ideia é fortalecer a autonomia dos camponeses do Assentamento, baseando em práticas agrícolas limpas, sem uso de agrotóxicos, que são contaminantes e mortíferos. Através do PAIS e parceria com a Rede Terra, o trabalhador da terra entrevistado afirma que isso tem sido uma boa oportunidade para garantir novas fontes de renda em seu lote e para muitas famílias do Assentamento. Além disso, eles produzem já com a certeza de que seus produtos serão comercializados através da Rede Terra, aumentando as perspectivas em termos de renda. Além disso, o caminhão da Rede Terra vai na "porta" de cada família buscar os alimentos produzidos, diminuindo ainda mais os gastos. Essas e outras questões têm feito da Rede Terra uma experiência de sucesso para os camponeses do Assentamento Vale do São Marcos, como afirmou um entrevistado, "*a Rede Terra foi uma coisa bem plantada aqui*".

Considerações finais

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

Enquanto milhares de homens e mulheres lutam pela terra e para permanecer na terra, a territorialização do capital nas áreas do Cerrado brasileiro nas últimas décadas, através do *agrohidronegócio*, acentuou os efeitos sócio-ambientais no campo, expropriando camponeses, desmatando, contaminando os solos, a água, envenenando animais, assoreando ou alagando os rios, explorando o trabalho de homens e mulheres, expressando uma *acumulação de destrutivismo*.

No trabalho de campo, percebemos a partir da empiria, que a agroecologia contribuiu para mostrar que é possível fortalecer, de forma processual a autonomia dos camponeses e trabalhadores da terra, reconhecendo a cultura e apresentando alternativas de uso sustentável da terra a partir das práticas agroecológicas, reconhecendo a importância dos saberes construídos historicamente pelos camponeses. As práticas agroecológicas demonstram que agricultura camponesa é ao mesmo tempo, cultura camponesa, pois envolvem saberes, racionalidades, imaginário e os conhecimentos e significados que permeiam o trabalho desses sujeitos com a terra, fonte de vida, e vida em sua diversidade plena.

Essa experiência de campo, relatada nesse texto, nos possibilitou adentrar em realidades e territórios em movimento, e a partir das impressões fenomênicas, da empiria e esforço teórico, entender as relações estabelecidas, as lutas e a relação com terra, que se constitui como uma das características centrais que une as famílias em torno do trabalho, projetos e as ações políticas. A relação com a terra é permeada por um sentido de identificação e pertencimento, envolvendo a memória, os saberes apreendidos socialmente e a *lida cotidiana*. Plantar, cuidar, presenciar e observar o crescimento da planta e colher os resultados do próprio trabalho, tem um significado político e simbólico para os camponeses, pois, isso permeia a conquista da dignidade e uma vida com maior qualidade no campo.

O *agrohidronegócio*, perante a orquestração do capital hegemônico e da forma como está sendo territorializado no Cerrado brasileiro é insustentável, expropriador e destrutivo. Diante disso, é preciso valorizar as experiências da agricultura camponesa, reconhecendo e conservando os ecossistemas, a cultura e os conhecimentos, pensando na autonomia dos povos, comunidades e na soberania alimentar.

ISSN: 1519-7816 vol. 13 nº 2 jul/dez. 2011 páginas: 170 - 183

Referências

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2006.

HOMERO. **Odisséia II: regresso.** Tradução de Donaldo Schuler. Porto Alegre: L&PM, 2007.

MENDONÇA, M, R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano.** 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

_____ . O agronegócio nas áreas de Cerrado: impasses, preocupações e tendências. 2007. In: **II FORUM DE C&T NO CERRADO.** Impactos econômicos, sociais e ambientais no cultivo da cana de açúcar no território goiano. Goiânia/GO, 05 de Out. de 2007.

_____ **. PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS:** uma alternativa de uso sustentável da terra para os trabalhadores/camponeses nas áreas de Cerrado. UFG/CAC, p. 1-20, 2010.

MESQUITA, H, A de. **Onde** estão as flores, as cores, os odores, os saberes e os sabores do Cerrado brasileiro? O agro/hidronegócio comeu! **Terra Livre**, São Paulo, v.2, n.33, p. 17-30, 2009.

RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs). **Geografia e pesquisa qualitativa:** nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

THOMAZ JÚNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI:** Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos. São Paulo: 2009. VOLUME 1. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/LD/_htm/f2.html>. Acesso em: 10 fev. 2010.

_____ . Trabalho mutante e territórios em disputa. **Pegada On Line**, Presidente Prudente, v.8, n.1, p. 1-46, 2007.